

# Anti-democracia

RAUL PILLA

**H**A' DIAS fui procurado na Câmara por um cidadão.

Emprego o termo no seu verdadeiro e alto sentido, e não na acepção vaga e degradada de pronome indefinido. Era realmente um cidadão o que me procurava, isto é, um membro consciente da nossa sociedade política. Tendo ido passar as férias na Bahia, sua terra natal, julgava-se obrigado a transmitir-me as suas impressões.

Falou-me primeiro na tragédia da seca e no abandono em que se encontram os flagelados, muito mais cruel, muito mais humano que a própria seca. Referiu-me depois a verdadeira campanha que fez, durante aquelas semanas, em defesa do Congresso, por muitos considerado o responsável pela triste situação do País.

E' esse, infelizmente, um estado de ânimo muito generalizado, e que alguns jornalistas de alto coturno exploram, não sei se com inconsciência, se com habilidade. Revela — o que mal se poderia crer — desconhecimento completo do regime que estamos praticando. Pois o que a longa e conteste experiência tem demonstrado em tôda a América Latina, é que, em face da ditadura presidencial, que o regime favorece, impotentes se tornam os demais poderes, mais ainda o Legislativo, que o Judiciário. De fato, só existe um poder: o Executivo. Mais exatamente: o que existe é o poder pessoal do presidente da República.

Assim, ignorância, ingenuidade, ou má fé é atribuir ao Congresso Nacional o descalabro nacional, embora êle também não esteja isento de culpas. Mas, se a má fé não se justifica nunca, a ingenuidade e a ignorância explicam-se facilmente. Pelo vicioso funcionamento do sistema presidencial, que só o convoca a largos intervalos para abdicar, pelo voto, da sua soberania, vive o povo alheio à realidade política. Sabe êle vagamente que estamos em regime democrático e que em tal regime governa o povo por intermédio dos seus representantes; infere logo que, se as coisas no País vão mal e cada vez vão pior, a culpa só pode ser do Congresso Nacional, que representa o povo e por êle delibera.

Aí está, pois, ao que está levando a irremediável falência do presidencialismo no Brasil: ao descrédito, à desmoralização das próprias instituições representativas.